

Prisioneiras

CLÉSIO AGOSTINHO GERALDO¹

Resumo

A obra aborda o cotidiano das detentas da Penitenciária Feminina da Capital, localizada na cidade de São Paulo. Tomando por base relatos das mulheres ali encarceradas, em primeira pessoa, o autor Drauzio Varella vai desvendando, ao longo da obra, as especificidades desse cotidiano, promovendo o envolvimento do leitor com a realidade retratada, inquietando, comovendo, fazendo com que se receusem os juízos morais levemente proferidos, provocando a reflexão quanto à complexidade da vida humana e das imensas dificuldades em perspectiva-la em sua multidimensionalidade.

Palavras-chave: Problemática dos presídios. Direitos humanos. Reflexão crítica.

Abstract

The book addresses the daily life of prisoners of the Female Penitentiary of the Capital, located in São Paulo, capital. Based on reports in the first person of the women imprisoned, the author Drauzio Varella, unveils, throughout the book, the specifics of this daily life. Promoting the involvement of the reader in the reality portrayed, disturbing, moving, causing us to reject the lightly spoken moral judgments, and provoking the reflection on the complexity of human life and the immense difficulties in looking at it in its multidimensionality.

Keywords: Problems of prisons. Human rights. Critical reflection.

Resumen

La obra aborda el cotidiano de las detenidas de la Penitenciaría Femenina de la Capital, ubicada en São Paulo, capital. Tomando por base relatos de las mujeres allí encarceladas, en primera persona, el autor Drauzio Varella, va desvelando, a lo largo de la obra, las especificidades de este cotidiano. Promoviendo la implicación del lector en la realidad retratada, inquietando, conmoviendo, haciendo que

rechazamos los juicios morales livianamente proferidos, y provocando la reflexión en cuanto a la complejidad de la vida humana y de las inmensas dificultades en la perspectiva de su multidimensionalidad.

Palabras clave: Problemática de los presidios. Derechos humanos. Reflexión crítica.

*Aqui, o trabalho, a disciplina e a bondade
resgatam a falta cometida e reconduzem
o homem à comunhão social²*

O autor, médico infectologista, acompanhou, como poucos, desde 1989, o cotidiano do interior das cadeias paulistas, femininas e masculinas, o advento do crack, o surgimento do Primeiro Comando da Capital (PCC), sua crescente organização e domínio no interior dos presídios. Assim, ele mostra que conhecer mais sobre a população carcerária no Brasil é relevante. De acordo com dados do INFOPEN (BRASIL, 2016), referentes ao ano de 2014, o Brasil ocupa a 4ª posição mundial em população carcerária, precedido pelos Estados Unidos, China e Rússia, com aumento de mais de 150% na última década, passando de 232.755 presos no ano 2000 para 622.202 em 2014. A capacidade do autor em descrever, expressar e compreender tal universo de forma participante é um privilégio que talvez nenhum pesquisador no Brasil tenha tido.

Na cadeia específica, da qual trata o livro, que integra a trilogia iniciada com a obra *Estação Carandiru*, seguida pelo livro *Carcereiros*, Varella iniciou os atendimentos em 2006, portanto há 11 anos. O choque de realidade, a exposição à diversidade, torna-o um visionário em meio a mundos que não pensam iguais.

Na primeira metade do livro, o autor desenvolve uma apresentação dos espaços, das ambientadas, de características que envolvem o contexto prisional feminino, os impactos relacionais e a vigência moral, como forma para impressionar, ambientando e aproximando da visão de mundo que, longe de ser simples, emoldura a vida de cerca de 2 mil mulheres, que coexistem em um ambiente paralelo à sociedade. Nesse sentido, ganha destaque, no sexto capítulo, a questão da solidão. A imagem das filas enormes nos dias de visita nas cadeias masculinas, preparativos internos e externos, para receber a família, documentários³ sobre as relações amorosas que se dão com os presos, às vezes por décadas, são diferentes no presídio feminino apresentado na obra. Isso deve ser explicitamente esclarecido: essas

infundas visitas, romances, e o contato social com o mundo exterior não alcançam as mulheres. Menos de 10% delas recebem visitas, e os mesmos direitos que são legados aos homens tendem a delongar-se para alcançar as mulheres. A cadeia feminina torna-se um bolsão esquecido, não visitado. As mulheres são vítimas de uma forte exclusão social.

O autor adota um viés de entrevistas diretas, colocando-as em primeira pessoa nas páginas do livro, o que soa como uma possibilidade de ouvi-las, mas com o risco de tornar-se uma estratégia de dramatização, que intenta aproximar o leitor do assunto, e não do indivíduo, o que, no caso, acaba também por transcender os limites das vidas individuais, tornando as pessoas personagens. Impossível, porém, não se sensibilizar. Por mais popular e comercial que a obra pareça ser, certamente não é um romance; antes fosse, pois seria melhor ler algo assim, que saísse da imaginação do autor, e não de experiências reais vividas por jovens (outras, nem tanto) mulheres que sofrem a vida como se fossem forasteiras nas suas próprias realidades.

O sofrimento é latente e, assim como no livro de Shusaku Endo⁴, torna-se impossível a indiferença. A cada nova página, a tensão de quem atentamente segue a narração, e reconhece que se trata de seres humanos, que vivem a alguns passos de distância, como é o caso da penitenciária descrita, cresce. Inclusive com relatos vivenciados na Cracolândia (que, no momento da escrita desta resenha, é manchete de desfecho inusitado no atual governo paulista). Sim, o relato da criminalidade é terrível, garotas recém-saídas da adolescência trucidariam qualquer um de nós sem nenhum traço de misericórdia, como referido no texto. Mas como? Por que e de que forma essa “frieza” se instaura em mulheres que deveriam estar no início da vida familiar, acadêmica, profissional... especialmente se pertencessem à outra classe social?

Ao longo das páginas, foi possível sentir uma dualidade de sentimentos, ora por se imaginar na condição das personagens, que se encontram trancafiadas em uma cadeia que as quebranta em pouquíssimo tempo, ora por considerar a indiferença e a insensibilidade a que foram/estão relegadas, pela condição em que viviam e se encontram. Nada são, nada podem, nada possuem, a não ser o direito de se resignarem ao sofrimento, desumano, a que são entregues.

Poderia ser fácil declarar o livro como uma narrativa isenta de ideologias e proposições de análises sociais, porém seria simplista e precipi-

tado não considerar o quanto a construção individualizada das personagens reflete teorias e conceitos sociológicos fundamentais para entender o contexto social. Um exemplo está na organização do comportamento das detentas. Varella conduz a desvendar a relação latente e indispensável de hierarquia vigente no presídio, quer entre a facção mandatária, quer entre as complexas construções da sexualidade, que compõe tal universo. As normas vigentes no interior da cadeia possuem maior valor quando partem do PCC, organização criminosa que domina a maioria das cadeias no Estado de São Paulo e possui voz ativa em qualquer decisão que ocorra no interior dos presídios. Como toda organização hierárquica, as ordens vindas do “primeiro setor” são obedecidas a “toque de caixa”, com uma rigorosidade que não deixa margem para dúvidas ou titubeios quanto a quem está no comando. Ao contrário das normas estabelecidas pelo Estado, as do PCC, caso contrariadas, são punidas com a severidade última: a vida. Há uma realidade própria, manifestada na linguagem, nos comportamentos, nas regras (no caso daquelas ditadas pelo PCC, 16 são mandatórias, ou seja, as detentas devem cumpri-las à risca). O universo carcerário torna-se um estado paralelo, que intenta garantir a convivência e também a manutenção do poder do PCC.

Em um clima de desequilíbrio e instabilidade emocional, gerador de tensões, como o são aqueles de instituições fechadas, as drogas e o álcool são artigos de valor inestimável dentro das grades, chegando a custar valores altíssimos por pequenas quantidades. Por vezes, a descrição do autor soa, para quem se encontra fora desse ambiente, como uma alucinação, pelos tantos eventos únicos, característicos do sistema prisional analisado na obra, e desconexos com o que se esperaria de uma vida digna, humana. As infandas formas pelas quais as drogas são trazidas para o interior da cadeia demonstram extrema criatividade, sendo mesmo dignas de nota, em um ambiente assombroso, em que diversas desgraças se aninham em um mesmo local.

O alívio, mesmo que ilusório, momentâneo e dependente das drogas, faz-se como uma tentativa de fuga da realidade, que, por vezes, só faz aumentar o desespero, tornando tudo mais insuportável do que o limite humano. Nada impede a evolução do contrabando, uso e venda das drogas, a não ser a soberania do PCC. Este extinguiu o crack, conquista não pouco significativa, afinal, eliminar, em definitivo, a droga mais viciante da qual já se teve notícia nos territórios brasileiros no interior das penitenci-

árias, tanto masculinas quanto femininas do Estado todo, não é tarefa de somenos importância. E com um regimento simples: quem usa/apanha, quem trafica/morre. Extingue-se o consumo ou, quando, por vezes, há desviantes, o consumidor. Observa-se que isso não se faz por bondade, mas para que não haja a desorganização da economia – e dos comportamentos – no interior do presídio.

No que se refere ao domínio do PCC, há conjuntamente uma submissão e identificação ideológicas, que, apesar de perpassarem pelo medo e pelo domínio, estão além deles e constituem-se como identidade, senso comunitário, barreiras étnicas e permissão/negação da participação. “Nada justifica o crime” é uma frase cotidianamente repetida por aqueles que afirmam que jamais aceitam/aceitariam uma atitude criminosa por parte de outros da sociedade, por vezes sugerindo uma limpeza étnica ou de classe econômica pelos defensores da “moral e dos bons costumes”. No decorrer das páginas da obra, alerta-se para outras perspectivas, que contrariam tal frase: as histórias de abandono, de solidão, de pobreza e de violência levam a afirmações: “Graças a Deus fui presa!”. Esse átimo de desabafo já revela algo sobre as condições em que se encontram algumas dependentes do crack, entregues a si mesmas, ou vítimas de exploradores humanos, que as escravizaram e as manteriam em condições degradantes, até levá-las à morte. Ou à salvação, pela prisão.

Ao longo da narrativa, as detentas se aproximam do imaginário do leitor, perdem o *status* de criminosas, bandidas, assassinas e “monstros”; tornam-se mulheres, com sentimentos, sonhos, vontades e razão. É possível compadecer com as suas histórias, suas necessidades, com seu sofrimento. Desmistifica-se o estigma, ganham rostos, nomes, trajetória e a expectativa de um dia viverem melhor. Passa-se a torcer por isso. Poucas das vidas ali narradas são de detentas que “batem no peito” afirmando “adorar” a vida que levam e escolheriam novamente tal caminho, porque consideram ótimo viver sob a dependência das drogas, foragidas, agredindo e sendo agredidas. Ao fim, são seres humanos que erraram, ou tomaram decisões erradas, ou que não descortinaram perspectivas de vida capazes de gerar outras decisões e atitudes. Haja vista que, como descrito na obra, quando a possibilidade de trabalho aparece, elas o agarram com unhas e dentes, pois, além de diminuir a pena e render algum dinheiro, é uma forma ótima de vivenciar o tempo ocioso dentro da cadeia.

Fato primordial é a vida financeira no interior da instituição, o que levou o autor a dedicar um capítulo intitulado: Custo de Vida. A vida não é gratuita, e a sobrevivência é custosa. A necessidade de se conseguir um dos trabalhos regulares – limpeza, consertos, cozinha⁵ – acresce-se à limpeza de celas, manicure, crochê, tráfico, tratamentos estéticos, venda dos cabelos... O “mercado prisional” é tamanho, e a necessidade de conseguir recursos financeiros é imperativa, pois, sem eles, a sobrevivência torna-se mirrada, quase que insustentável.

O tema da criminalidade é bem complexo, há um emaranhado de fatores envolvidos nesse fenômeno, vinculados às características do Brasil. Todos os dias, os mais diversos crimes e reações a estes são vistos nas telas da TV, nas redes sociais, nos palanques. A “bancada da bala”, como ficou popularmente conhecida a posição de alguns políticos, que assumem a postura de que “bandido bom é bandido morto”, parece justificada. Leituras como essa, da obra aqui resenhada, proporcionam, ao menos, a compreensão, mesmo que parcial, de uma realidade que se mostra multifacetada e multidimensional, que não poderá nunca ser entendida de forma unilateral, ou por um viés único.

Na descrição detalhada sobre a origem e práticas do PCC no interior dos presídios, destaca-se perceber que homossexuais, de ambos os sexos, são excluídos dessa organização e que criminosos que já foram estuprados só ganham *status* de irmãos caso venham a matar a pessoa que o estuprou, com requintes de crueldade. Por mais que esses dados pareçam simplistas e sexistas, o livro concede uma oportunidade explícita de observar os sexismos que ocorrem diariamente em diversos bolsões da sociedade, inclusive nas cadeias e no “mundo do crime”. Como exemplo, os “sapatões originais” são uma caracterização dada às mulheres que assumem uma identidade masculina, nomes masculinos e um estereótipo masculinizado. São vistos, encarados e identificados como homens. Nos relatos, isso é assim explicado na obra resenhada: “tem que ser de nascença. Não pode ter tido filho, namorado, casado ou confessar paixão por homem, muito menos arrepiar quando encostar neles” (p. 152). As categorias de sexualidade são as mais diversas: Original, Foló, Chinêlino, Badarosca..., categorias estas que possuem um *status* e requerem comportamento próprios, enquadrados por uma espécie de comitê. E, caso a prisioneira cometa um deslize, que comprometa tal caracterização, perde o *status* e ganha descrédito, desprezo e, por vezes, punições, e vice-versa. A

caracterização e a prática da sexualidade e das relações de gênero assumem contornos específicos, que podem ser bem diferentes daquelas do cotidiano fora das grades. Os homens, nas cadeias masculinas, que se transvestem e comportam-se como mulheres, são identificados como tais, reforçando que a homossexualidade é negativa nas cadeias masculinas, tão negativa que o PCC não aceita os homossexuais, expulsam-nos e os punem. Porém, se qualquer um for pego tendo relações sexuais com travestis, isso não é encarado como homossexualidade, pois o travesti é visto como “fêmea”.

Por vezes, o conceito que paira sobre a realidade de vidas que se encontram encarceradas seria o de injustiça. E, como um encadeamento de injustiças, gera revoltas, que originam mais injustiças, que redundam em mais crimes, que impedem a mudança e perpetuam ainda mais as exclusões, resultando em mais crime e tragédias. Como descrito no capítulo *Obsessão Fatal*, no qual uma jovem se depara com um estupro sofrido pela irmã, homossexual e com estereótipo masculinizado, e que ouve do estuprador que sua atitude se propunha libertadora, com o intuito de proporcionar a ela prazer pela genitália masculina, o que a levaria a encontrar “o caminho da feminilidade”. A irmã, percebendo que o crime não recebia importância policial, adquire uma arma e se dedica, todos os dias, a procurar o criminoso. Após meses de penúria, obsessão e uma busca frenética, o encontra. Antes de matá-lo, ainda ouve da boca do estuprador: “mas era o sapatão”... Encerra o caso com um tiro, certo, e condenando-se a uma pena que se estenderá por anos a fio.

Da mesma forma, o autor questiona a real periculosidade de uma mulher, com filhos e com o marido presidiário, que é pega tentando levar drogas para dentro da cadeia. As construções do autor apontam para a hipótese de que o sistema de saúde, e não o sistema policial, é que deveria assumir, muitas vezes, a problemática das mulheres na cadeia. Isso parece fazer sentido, em uma sociedade retrógrada, burocrática e lenta, como a brasileira, que demora a efetivar políticas afirmativas como cotas raciais, ou outras medidas, como o casamento homoafetivo, ou para resolver os mesmos e fundamentais problemas de sempre, tais como escolas públicas de qualidade, hospitais, moradia, segurança... Tal sociedade terá muita dificuldade em se perceber errando com uma classe de despossuídos, como, em geral, o são aqueles das prisioneiras cujas vidas são objeto do livro e que, além de tudo, são vistas como “criminosas”, taxadas e entendidas como tais, mesmo após terem cumprido suas penas.

Alguns minutos de ódio, descuido, falta de sorte e violência, pessoas que nunca antes haviam se envolvido com crimes, ou com irregularidades legais, nem sequer uma multa de trânsito, compõem outros relatos prisionais. Casos assim aproximam bastante o leitor das classes mais abastadas da realidade das cadeias, da possibilidade da penitenciária para os academicizados, histórias descritas no capítulo *Celas Especiais*. Nessas, apesar de a maioria das detentas serem advogadas com clientes criminosos, que cometeram esse ou aquele “deslize”, também se apresentam casos de pós-graduados, com uma condição de vida em muito diferente de todos os personagens dos outros capítulos, em que a pobreza, a fome, os abusos, o abandono, o desespero, a dependência das drogas são marcas contínuas.

Chininha, personagem digna do último capítulo, fascinada e especialista em roubar relógios da marca Rolex, indaga-se, ao contar sua história, sobre o que leva homens e mulheres a sair de casa com uma joia de milhares de dólares, o que vai atrair ladrões... Uma indagação que reflete o contraste da realidade brasileira, ou, ao menos, de São Paulo. Sua história, após vários roubos bem-sucedidos, com muito dinheiro conquistado e a continuidade ininterrupta dos assaltos, encerra o livro com uma dose a mais de confusão, que faz indagar, assim como ela, no decorrer de seu relato: com tantos Rolex surrupiados, dinheiro conquistado, por que não parou antes? Por que não “se ajeitar”, sossegar? Pergunta que fica sem resposta...

A perspectiva limitada insiste em querer resolver os casos resumidamente relatados na obra, contados como se fossem peças de um quebra-cabeças linear. Contudo, ao fim, o livro instiga a querer pensar mais sobre o assunto, a vasculhar uma ampla literatura de especialistas que se deparam, há décadas, com a questão carcerária, ou da violência... ou questões, pois, em um relance, pode-se pensar em várias correlações: criminalidade, importância das oportunidades, segurança, saúde, moradia etc. Enfim, um mundo que está ao lado e que é, por muitas vezes, desprezado, negado ao cerrar-se de uma janela, ao trocar de um canal televisivo, ao mudar o caminho... Como diz o autor: “Passamos a viver a era do bandido que obedece aos superiores, que corre o risco de morrer mal saído da adolescência e dá à vida alheia o mesmo valor que atribuem a dele” (p. 263).

É impossível não se desesperar em muitos trechos da narrativa. Sobretudo, para quem nunca teve acesso aos corredores internos de uma ins-

tuição carcerária. O livro traz um frescor paradoxal e conflituoso: leva-se à construção de um enredo fluido e complexo, instigante e angustiante, amedrontador e realista.

Em outro livro de autoria de Varella, Correr, o autor relata uma bronca da esposa, após ele ter participado de uma maratona de 42 km, com mais de 70 anos! Exausto, deitado no quarto de hotel, ela esbraveja: “Quanta irresponsabilidade!”. Sem se dar conta de que o espírito contraventor, perscrutador, de seu marido, encontra-se também nas atividades por ele desenvolvida nas cadeias, tanto quando na vida e no desafiar-se diariamente. Se não existissem outros, só por esses motivos, já recomendaria a leitura desses dois livros.

Recebido em: 22/05/2017
Aprovado em: 25/06/2017

Notas

- 1 Mestre em Antropologia. E-mail: clesioag@yahoo.com.br
- 2 Insignia pintada na entrada da Penitenciária Feminina da Capital, localizada na cidade São Paulo.
- 3 Cativas: Presas pelo coração.
- 4 O silêncio.
- 5 Sobre as condições dificultosas da alimentação no sistema penitenciário do Brasil, ver: Brasil (2009) e Rudnicki e Passos (2012).

Referências

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Carcerário. **CPI Sistema Carcerário**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2009. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/2701>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

_____. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN – junho de 2014**. Brasília: Ministério da Justiça, 2016.

CATIVAS: Presas pelo coração. Direção de Joana Nin. Curitiba: Moro Filmes, 2003. 117 min. [Documentário].

ENDO, Shusaku. **O silêncio**. São Paulo: Planeta, 2016.

RUDNICKI, Dani; PASSOS, Gabriel. A alimentação das presas na penitenciária feminina Madre Pelletier. **Revista Tempo da Ciência**, v. 19, n. 37, p. 107-123, 2012.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Carcereiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Correr**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Prisioneiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017